

DESDOBRÁVEL DA EXPOSIÇÃO

LivrAr.te

Exposição de Livros de Artista e de Livros-Arte

Inauguração a 6 de Maio, 5^a f^a, 18h / patente até 29 de Maio

nas

GALERIAS PERVE

Alcântara

No início da Av^a de Ceuta

Alfama

Junto à igreja de St. Estêvão

galeria@pervegaleria.eu

www.pervegaleria.eu

DESDOBRÁVEL DA EXPOSIÇÃO

As galerias Perve, em Alfama e Alcântara, inauguram, dia 6 de Maio, quinta-feira, às 18h, a exposição “LivrAr.te” onde se expõem cerca de duas centenas de objectos artísticos realizados sob a forma de livro por autores nacionais e internacionais tão importantes como Dali, Jean Dubuffet, Alexandre O'Neill, Cesariny, Paula Rego, E.M. Melo e Castro, Palolo ou Vieira da Silva, entre muitos outros.

Às 21h, em Alfama, será realizada a performance sonora “Near Noise” por Vítor Rua com a participação de Gonçalo Falcão.

A mostra, com curadoria Carlos Cabral Nunes, contou com a colaboração de Alberto Pimenta e integra-se no “555 — Ciclo Gutenberg”, que a Perve organiza ao longo de 2010, de forma a assinalar a invenção da imprensa e a suscitar reflexão artística sobre a mudança que as novas tecnologias aportaram à sociedade contemporânea. No fim da mostra será lançado um objecto artístico, disponibilizado ao público numa edição limitada a 200 exemplares assinados e numerados pelos seus autores.

PERFORMANCE SONORA “NEAR NOISE”

6 de Maio, 5º fº, 21h na Perve Galeria | Alfama

Intervenientes: Vítor Rua e Gonçalo Falcão.

Sinopse: "Susane Langer escreveu que: "a música torna audível o tempo" ... Na realidade a Música são abstracções sonoras, movendo-se, criando tempo. O tempo é assim o componente essencial para a compreensão da música e o veículo pelo qual a Música faz um contacto profundo com o espírito humano. O tempo na Música é um tempo virtual; por contraste, a sequência de actuais acontecimentos, são um tempo absoluto (tempo de relógio). Os eventos sonoros são um fluxo, não o tempo! E a Música é uma série de eventos, que contêm não só o tempo, como o "modelam"... O tempo na Música é uma relação entre as pessoas e os eventos perceptíveis por elas. Toda a Música é ouvida inicialmente como uma sucessão de "momentos". A progressão tonal ou modal, é uma metáfora: na realidade em Música nada se move, excepto a vibração dos próprios instrumentos e as moléculas de ar que chegam até aos nossos ouvidos..."

Ainda a cargo de Vítor Rua, ao longo da mostra Livros de Artista e de Livros-Arte, nos Sábados de 15, 22 e 29 de Maio (dia de encerramento da exposição) realizam-se vários espectáculos com artistas convidados. Os programas dos espectáculos serão divulgados 3 a 4 dias antes da sua realização.

LivrAr.te – exposição de arte em livro nas galerias Perve, em Alfama e Alcântara, a partir de 6 de Maio

As galerias Perve, em Alfama e Alcântara, inauguram dia 6 de Maio, quinta-feira, uma mostra intitulada “LivrAr.te” onde se expõem centenas de objectos artísticos raros realizados em forma de livro.

Com objectivo de afirmar a importância do livro, enquanto suporte cultural e artístico, numa altura em que a revolução digital causada pela internet retira espaço ao mercado livreiro tradicional, esta mostra pretende colocar o livro num patamar de valor essencial, apresentando-o como objecto de arte e, para tal, são expostas obras de artistas internacionais como Dali, Jean Dubuffet, Arrabal, entre muitos outros de países tão díspares como a Argentina, México, EUA ou Rússia, a par com autores nacionais tais como Alberto Pimenta, Ana Hatherly, Cesariny, Cruzeiro Seixas, E. M. de Melo e Castro, Paula Rego, Pomar, Vieira da Silva e de artistas do espaço lusófono.

A mostra, que se realiza enquanto decorre a Feira do Livro de Lisboa, apresenta-se como alternativa ao anunciado fim do livro, tal como o conhecemos, pelo uso das tecnologias digitais, com o avanço do livro electrónico à cabeça desta revolução em curso.

Desde 1455, altura em que Gutenberg lançou no mercado a sua primeira edição da Bíblia, o mundo assistiu à maior mudança cultural da sua história, só comparável com a que hoje vivemos, com a internet e as outras tecnologias de comunicação (e transmissão de cultura), a mudarem-nos os hábitos de há 555 anos.

A Perve decidiu, por isso, realizar este ano um ciclo dedicado a Gutenberg e aos 555 anos passados sobre a invenção da imprensa, assinalando esta data com exposições e sessões artísticas onde se coloca em evidência a possibilidade de convivência positiva entre a nova e a velha, por assim dizer, forma de transmissão cultural (e artística).

O livro enquanto suporte artístico, enquanto objecto de arte, é algo insubstituível. É como contemplar um quadro de perto. Não é possível, nem desejável, substituir essa experiência pela visualização da imagem do quadro, seja numa revista, seja, agora, num computador. Por isso, esta mostra LivrAr.te, Livro de Artista e Livro-Arte, como forma de salvar o livro de um fim (mal) anunciado.

“Livrarte, ó livro, dessa sina que te não vejo ter, num mar de formas coloradas, sem princípio nem destaque fútil de um tempo à espera, de morte. Livrarte disso e do mais que há, como perigo sepulcral do fim que te não desejo ver, ó livro. LivrAr.te”

Carlos Cabral Nunnes – *Le poète curateur*

555 Ciclo Gutenberg

Gutenberg foi o magno obreiro do livro impresso, cujo implícito convite à reprodução atingiu um ponto de saturação ainda há poucas décadas inimaginável. A invenção de Gutenberg trazia dentro de si o bicho, tal como a maçã do paraíso e, certamente, como também traz o texto digital. Depois de muitos séculos de códices manuscritos que permitiam inclusivamente vários tipos de enfeites, desde a esquadria como ornato até desenhos e pinturas à margem do texto (o que existia já nos “livros dos mortos” dos papiros egípcios), o livro foi-se tornando cada vez mais simples texto, impresso em muitos casos com notória falta de um sistema e de gosto. Contra essa tendência surgiram a partir do modernismo livros-arte (não livros ilustrados), livros resultantes da combinação do texto e da imagem por ele sugerida e com ele entrelaçada, da autoria de grandes pintores. Basta pensar na Divina Comédia, interpretada em imagem por Salvador Dali, ou p. ex. em Saint Matorel e Le Phanérogame de Max Jacob com as imagens de Picasso, ou na Lenda de São Julião Hospitaleiro de Flaubert encaixada nas imagens e ornatos de Amadeo de Sousa-Cardoso (edição do Centro de Arte Moderna da Fundação C. Gulbenkian, 2006) ou aqui mesmo, em edição da Perve Galeria, em livros de Cesariny, Cruzeiro Seixas, Luís Pacheco e, recentemente, Alberto Pimenta.

Mas ao lado deste livro-arte surgiu, a partir também do Modernismo, o livro de artista.

À semelhança de tantas formas e materiais usados ao longo do tempo pela escrita (tijolos assírios, papiros gregos, molhos de rectângulos de palmeira na Índia, livros japoneses com carimbos de madeira, saltérios com partitura incluída, os *quipus* peruanos) por que não então o embrulho, a caixa, ou simplesmente um livro de ínfimas ou largas dimensões e polifônico conteúdo, quase sempre exemplar único, do e sobretudo para o artista.

Se os futuristas privilegiaram as capas (Natália Gontcharova, Wyndham Lewis), o *cadavre exquis* dos surrealistas foi talvez um abre-latas do livro de artista, que em dado momento passou a reunir vários artistas na sua execução, levando à utilização da fotocopiadora para propiciar a cada um dos colaboradores pelo menos um exemplar da obra.

Em Portugal esse processo atingiu certamente a dimensão mais importante com as séries de César Figueiredo, em Espanha com a produção de Antonio Gómez, na Alemanha com muitos, entre eles o quase desconhecido Bernhard Meyer, e inumeráveis poetas e artistas desejosos de sabotar o mercantilismo do livro e da arte em geral, interessados em unir palavra e imagem, cientes de que o seu isolamento teórico-social é apenas um falso contraponto da falsa importância social de escritores e pintores de grande mercado e grande cotação. A imagem à qual se juntam palavras (e vice-versa) produz um discurso diferente. O desejo destes criadores é ainda recrear-se com aquilo a que normalmente se dá tanta importância aparente e tão rapidamente caducada: o livro de editora. São discursos autónomos com imensas combinações possíveis de leitura, despidas de relações de causalidade temporal e espacial, que assim exibem a falência do pensamento aprisionado na palavra sintáctica e lógica. Claro que o mercado alargou a sua omnipotência também a este espaço de liberdade, que por sua vez dele se vai libertando tornando-se cada vez mais puro, infantil, sem missão pré-estabelecida. Assim não há que procurar nestas “coisas” um verdadeiro sentido que só pode ser sempre simbólico, mas apenas o sentido real de ser, como o têm homens, animais, plantas, pedras, planetas, o universo... talvez só um momento, um memento, um convite a pensar.

Alberto Pimenta — Abril, 2010

DANTE

A DIVINA COMÉDIA

O INFERNO

GRAVURAS

de



Tradução do Original
de
ALEXANDRE O'NEILL

Com objectivo de afirmar a importância do livro, enquanto suporte cultural e artístico, expõem-se obras de artistas nacionais e internacionais como Dali, Jean Dubuffet, Arrabal, Alberto Pimenta, Ana Hatherly, Cesariny, Cruzeiro Seixas, E. M. de Melo e Castro, Paula Rego, Júlio Pomar e Vieira da Silva, entre muitos outros.

Obra em destaque | DIVINA COMÉDIA, de Dante com ilustrações de Salvador Dalí (100 gravuras) e tradução de Alexandre O'Neill. Raríssima edição portuguesa de 1973, autenticada.

Perve Galeria | Alfama
Rua das Escolas Gerais nº 17, 19 e 23
1100-218 Lisboa | Portugal
T. (+351) 21 8822607
galeria@pervegaleria.eu

Perve-CeutArt | Alcântara
Avenida de Ceuta, Lote 7, Loja 1
1300-125 Lisboa | Portugal
T. (+351) 912521450
perve-ceutart@pervegaleria.eu

Horário: 2^a a Sábado (*incluindo feriados*) | 14h às 20h
www.pervegaleria.eu

